

## **Projeto NaMaMi de Digitalização de Manuscritos Indianos: As Novas Tecnologias e uma Tradição Milenar<sup>1</sup>**

Márcio Souza GONÇALVES<sup>2</sup>

Camile Carvalho NASCIMENTO<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### **RESUMO**

Com uma estimativa de dez milhões de manuscritos produzidos em seu território desde tempos remotos, a Índia é o berço de uma tradição cultural milenar. O projeto NaMaMi (*National Mission for Manuscripts*), criado em 2003 pelo governo indiano, tem como objetivo reunir, catalogar e disponibilizar em um banco de dados digital o maior número de manuscritos indianos encontrados em bibliotecas, museus, templos e acervos pessoais. Este artigo discute os textos sagrados védicos e levanta uma discussão sobre como as tecnologias ao mesmo tempo auxiliam na preservação de artefatos culturais mas também afetam o consumo desses mesmos artefatos, especialmente considerando que o fato de um manuscrito sagrado indiano ser lido fora de um determinado contexto pode ser considerado um ato profano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia Digital; Banco de dados; Tradição cultural; Manuscritos Indianos.

### **Introdução**

Com aproximadamente dez milhões de manuscritos espalhados pelo território, a Índia tem sua relevância por ser o berço de uma das maiores, mais ricas e antigas coleções textuais do mundo, que inclui todo o corpo da literatura védica. A importância dessa literatura fez com que o Ministério de Turismo e Cultura criasse, em 2003, um projeto desafiador: identificar, conservar, mapear e torná-la acessível ao mundo, possibilitando a preservação dessa herança cultural para a posterioridade.

O projeto NaMaMi (*National Mission for Manuscripts*) tem como lema “conservar o passado para o futuro” segundo o site [namami.gov.in](http://namami.gov.in), defendendo que

---

1 Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, email: [msg@uerj.br](mailto:msg@uerj.br)

3 Mestranda em Comunicação pela PPGCom-UERJ, e-mail: [camilejornalista@gmail.com](mailto:camilejornalista@gmail.com)

---

através da preservação da história da Índia registrada em manuscritos haverá o resgate do conhecimento antigo e sua preservação para as gerações posteriores.

Produzidos predominantemente em sânscrito, mas também em outras línguas, estes textos hoje são encontrados em museus, bibliotecas, monastérios, instituições e acervo pessoal. Devido ao material do suporte ser predominantemente folha de palmeira ou casca de árvore, dependendo da região, tais escrituras são muito susceptíveis a deterioração pela umidade, mal armazenamento ou pelo próprio tempo, tendo muitos delas já se perdido ao longo dos séculos levando consigo uma grande parte da história e do conhecimento sobre a Índia.

Porém, com o desenvolvimento da tecnologia, hoje é possível utilizar ferramentas para a preservação destas obras como o escaneamento, a fotografia e a microfilmagem. O desafio hoje consiste em reunir todo esse conjunto de textos para realizar a operação que está em andamento desde 2003 e conta com o apoio de diversos órgãos e institutos na Índia.

Este artigo discute a presença e importância histórica dos manuscritos indianos, apresenta o Projeto NaMaMi como uma solução encontrada pelo governo da Índia para a preservação deste conhecimento e levanta questões sobre a importância de se preservar uma história utilizando a tecnologia com a colaboração da própria comunidade que tem em seu acervo pessoal manuscritos considerados sagrados e secretos.

## **Os textos**

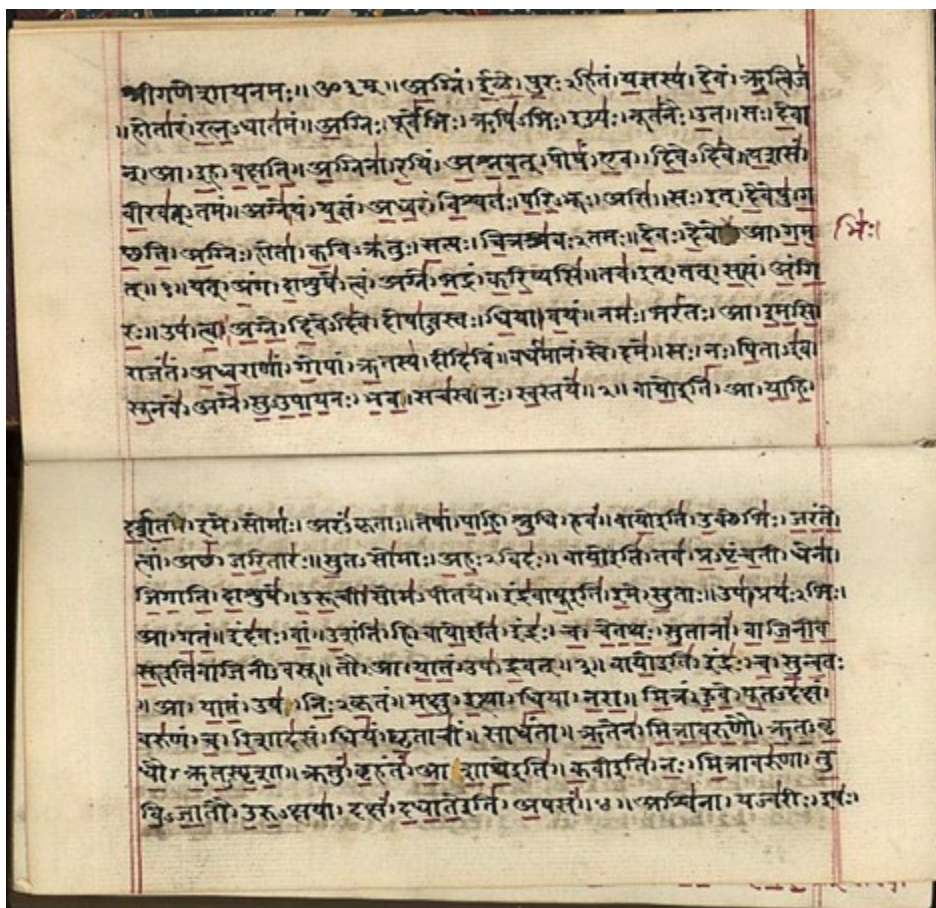
Conhecidos popularmente como uma escritura sagrada associada à religião Hindu, os *Vedas* são a espinha dorsal da cultura indiana, sendo uma literatura tradicional e milenar composta em sânscrito. No entanto, associar o conhecimento védico apenas ao hinduísmo é reduzir sua grandeza, tanto em importância para outras religiões indianas, como o Budismo, Siquismo e Jainismo, quanto em relação ao seu volume.

O termo *Veda*, tem como raiz sânscrita VID, que significa “conhecimento”, “saber” ou “compreender”, e os *Vedas* tratam de temas variados como a filosofia, astronomia, medicina, mitos, prescrições rituais, ciência, leis entre outros. Mais que uma literatura sagrada, os *Vedas* são fruto de uma ciência antiga, porém viva até os dias

atuais, tendo influenciado o Império Romano, assim como o desenvolvimento da matemática árabe e a astronomia.

Originária de uma tradição oral, esta literatura foi dividida em quatro grupos temáticos (*Samhitas*), sendo eles o *Rigveda*, *Yajurveda*, *Samaveda* e *Atarvaveda*. Segundo Feuerstein, “certas referências astronômicas que constam no *Rigveda* dão a entender que a maior parte dos hinos foi composta no quarto milênio a.C., e que alguns deles talvez datem até do quinto milênio a.C.” (FEUERSTEIN, 2016, p. 102).

Figura 1: Rigveda em forma de manuscrito



Fonte: Wikipedia.<sup>4</sup>

O *Rigveda* é a mais antiga e a mais importante poesia ritual oral indiana, sendo também o mais antigo documento escrito preservado da antiguidade (OLIVEIRA, 2009 2704). Composto na Era Védica (4500-2500 a.C.), segundo Feuerstein (2016, p.102), o *Rigveda* é utilizado em rituais solenes pelo oficiante invocador (*hotri*) e sua obra é

4 Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rigveda>>. Acesso em 29 jun. 2019.

---

distribuída em 10 ciclos, chamados *mandalas*, contendo 1028 hinos e 10.589 versos, retratando uma comunidade nômade da região onde hoje localiza-se o Punjab.

É importante ressaltar que durante milênios a língua sânscrita só existiu em sua forma oral, e que toda tradição védica se sustentou pela repetição destes versos, não apenas do *Rigveda*, mas de todo o conjunto e mais as obras posteriores contendo comentários, explicações e interpretações sobre os *Vedas*. Durante milênios a escrita destes hinos não existiu, embora haja vestígios de outras formas de escritas para outras finalidades. O conteúdo védico, porém, jamais era escrito, devido a proibições da classe sacerdotal. A escrita era vista como um risco de perda da capacidade de memorização deste conhecimento, sendo a recitação a única opção por alguns milênios.

Quanto à sua natureza, os *Vedas* não têm o propósito de ser um veículo de propagação de uma crença ou religião, mas de ser um meio de conhecimento para todos os campos da sociedade abordando temas referentes à humanidade e ao universo. Segundo a tradição védica, estes poemas não foram compostos por pessoas comuns, mas por sábios videntes (*rishis*) que, por meio de estados alterados de consciência meditativa, obtinham a visão deste conhecimento. Para Feuerstein,

Os heróis espirituais do povo védico não eram os sacerdotes, embora fossem estes altamente estimados, mas sim os sábios ou “videntes” (*rishi*) que “viam” a verdade, que percebiam com o olho do coração a realidade oculta por trás da cortina de fumaça da existência manifestada. (...) Eles eram os sábios iluminados cuja sabedoria promanou numa poesia rítmica e numa linguagem altamente simbólica: os impressionantes hinos dos Vedas. (2016, p. 145)

Após o período védico, emergiu na Índia o pensamento metafísico e ético, abrindo caminho para outras escolas espirituais e mostrando-se terreno fértil para a produção dos grandes épicos como o *Mahabharata*, que contém mais de 74 mil versos em sânscrito e 1,8 milhões de palavras, sendo considerado a maior obra literária do mundo em um único volume. Do *Mahabharata* faz parte a mais antiga obra completa sobre Yoga, o *Bhagavad-Gita* (FEUERSTEIN, 2016, p.104). Estes poemas épicos também foram compostos para serem recitados, já que possuem uma estrutura mnemônica que permite a fixação e a repetição, quando associados a gestos corpóreos. Segundo William Buck,

A ênfase dada à moral, no Mahabharata, traz consigo considerações sobre a natureza do divino, [...] e o Mahabharata deve ser compreendido

---

como uma narrativa moral e filosófica, e não apenas histórica. (BUCK, 2017, p.22).

Adiante veio a Era Clássica (100 a.C.-500 d.C.), caracterizada pela cristalização do budismo no território indiano o que favoreceu uma abertura de diálogo muito importante com os hinduístas que ali habitavam. A produção literária em sânscrito continuou pela Era Purânica (500-1300 d.C.), na qual muitos sutras tântricos foram compostos. Os Sutas como estilo literário são uma forma de composição condensada, na qual são utilizadas frases curtas e interligadas formando uma cadeia de pensamentos, muito usados também pelo budismo, como o Sutra de Lótus e o Sutra do Coração.

Diferentemente da produção anterior dividida em *slokas*, ou versos, os sutras são formados por linhas de pensamentos indissociáveis, ou seja, não é possível que se compreenda uma frase isolada do contexto. São preservados também os aspectos literários adequados para a recitação.

O sânscrito, atualmente fazendo parte de uma das 23 línguas oficiais da Índia, é uma das línguas indo-europeias, pertencendo ao mesmo tronco linguístico da maioria dos idiomas da Europa, sendo a origem de muitas delas, inclusive do Português. Sua variedade pré-clássica, ou sânscrito védico (devido ao seu período histórico), é uma das mais antigas registradas.

O conhecimento do sânscrito védico era restrito aos sacerdotes brâmanes, detentores da sabedoria dos *Vedas*. Segundo Houben (2014, p.443), o próprio nome sânscrito vem de *samskrta*, que significa “polido, bem-formado”, retratando a sua posição sócio-linguística ao longo de séculos: era a língua dos eruditos, daqueles que recebiam uma boa educação, da elite social e religiosa.

Utilizada restritamente para fins religiosos, o sânscrito também foi chamado *Devabhāsa*, ou língua dos deuses, e sua mais antiga gramática data do século V a.C., conhecida por Gramática de Panini, sendo ela uma gramática descritiva que retrata os usos linguísticos em várias regiões da Índia durante o período clássico e também das formas já em desuso do período védico.

Apesar do fato do sânscrito, sem dúvida, estar sendo ativamente empregado no momento da sua descoberta, a paixão ocidental pela antiguidade do sânscrito levou à sua transformação em peça de antiquário, e à negação do seu uso corrente, embora esse ‘uso corrente’ tivesse continuado ao longo desses dois séculos até os dias atuais. (HOUBEN, 2014, p. 461)



Vale ressaltar que, ainda hoje, com toda tecnologia de impressão de livros contendo os mantras védicos, ainda existem escolas tradicionais que preservam este conhecimento na forma oral, sendo o canto tradicional dos Vedas, inclusive, Patrimônio Cultural da Humanidade proclamado em 2003 pela UNESCO. Como afirma o Indólogo Dasgupta, esta literatura foi considerada tão sagrada que, nos tempos antigos, era quase um sacrilégio registrá-las fazendo com que seu aprendizado fosse apenas na forma oral através da memorização dos versos recitados por um professor, sendo este processo conhecido como *Shruti* (DASGUPTA, 1922, p.12).

Sendo assim, para que todo este conhecimento fosse preservado, foi de extrema importância manter a estrutura rígida de pronúncia da língua sânscrita, assim como a métrica, ritmo, acentuação, tom e gestos corporais como mudras (gestos específicos feitos com as mãos) e movimentos com a cabeça de acordo com a entoação. Toda essa estratégia de memorização foi importante para que, não apenas o conhecimento permanecesse inalterado, mas também que o som dos mantras recitados tivesse o efeito ritualístico desejado. Como explica Oliveira,

Em relação aos Vedas, estes eram, e ainda são, transmitidos fidedignamente devido à exatidão poética, por meio da métrica estrita e o ritmo detalhadamente marcado, a cargo das famílias de “poetas” (os *rishis*), da camada social sacerdotal, os brahmanas, para os quais a memória é sagrada, pois, é seu dharma (“dever ritualístico”) estudá-los, memorizá-los e transmiti-los para outros brahmanas, além de ser sua via de libertação (*moksha*) do ciclo repetitivo de nascimentos e mortes (*samsara*) (OLIVEIRA, 2009, p. 2707).

O *Rigveda* como conhecemos hoje, sendo um dos mais importantes trechos dos *Vedas* por ser a fundação de toda civilização hindu, é uma compilação de um material antigo, sendo que seus 1028 hinos e 10.589 versos foram acumulados ao longo do período védico. Sua divisão em mandalas se deve aos dez *Rishis* escolhidos inicialmente para serem uma espécie de guardiões do conhecimento, tendo como missão decorar cada uma das partes que lhes foi designada. Cada texto, portanto, tornou-se propriedade de família, sendo passado de pai para filhos e posteriormente a discípulos em escolas conhecidas como *Gurukulas*, como será apresentado posteriormente.

O historiador dos livros F. Barbier (2008, p. 27) explica que a partir do momento em que as organizações sociais se tornaram mais complexas fez-se necessário

---

desenvolver uma forma de registro mais eficiente que o modelo oral utilizado. Foi então que surgiram as primeiras formas de escrita no mundo, o que facilitou o fluxo de atividades administrativas e econômicas, além de documentar a história vivida por tais sociedades.

No entanto, por muito tempo os sacerdotes foram resistentes quanto à escrita dos Vedas, pois, segundo eles, o conhecimento poderia ser deturpado. A justificativa era de que durante o processo da leitura, alterações fonéticas como erros de pronúncia ou variações linguísticas prejudicariam a fidedignidade do conteúdo original, já que o sistema de versos na literatura védica exige a pronúncia exata de cada sílaba, assim como a acentuação, o tom e o ritmo original, para produzir o efeito ritualístico desejado e manter o conhecimento vivo.

Macdonnel (1972, p.16) afirma que nesta cultura, o conhecimento das sagradas escrituras só poderia ser adquirido através da boca de um professor, e jamais por um manuscrito e que apenas o saber memorizado, transmitido de mestre para aluno, seria dotado de valor.

Em meados de 2000-1500 a.C. a escrita foi autorizada devido ao risco iminente de sacerdotes não qualificados deturparem o conhecimento contido em suas obras para benefício próprio, como estava acontecendo em algumas escolas filosóficas, além da previsão de que gerações futuras perderiam a capacidade de memorização. Para isso foram utilizadas folhas de palmeiras e casca de bétula (de acordo com a região na Índia) e o *Devanagari*, sistema de escrita do sânscrito, cuja palavra significa “morada dos deuses”, sendo estes manuscritos considerados atualmente por indólogos e linguísticos a mais antiga literatura da língua indo-europeia.

Apesar da possibilidade de difusão dos manuscritos e, posteriormente, edições em códice em maior escala, por muito tempo sua distribuição permaneceu restrita aos templos e famílias de intelectuais, já que a erudição em sânscrito sempre foi um requisito para a leitura, interpretação e transmissão destas obras. Além disso, o domínio da escrita, da leitura e da memorização de versos como objeto de status sempre esteve presente na cultura indiana, marcada pelas estratificações sociais nas quais o brâmane detinha o poder sobre o povo devido ao seu conhecimento e erudição.

---

Lyons sustenta que “por muito tempo a humanidade atribuiu poder mágico à palavra escrita” (LYONS, 2011, p. 7). Observa-se, contudo, que, ao lado do cuidado com a tradição escrita, cuja produção era feita de forma ritualística, sempre houve na Índia uma preocupação em se manter a tradição oral através da recitação.

É importante ressaltar que, embora a escrita tenha se desenvolvido com a produção dos manuscritos, a tradição oral de recitação dos versos continua existindo ainda hoje em alguns monastérios cujos monges dedicam suas vidas à memorização. As treze formas de recitação védica que sobreviveram até nossos dias foram proclamadas pela UNESCO, em 2013, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

**Figura 2: Crianças aprendendo a recitação dos mantras védicos**



Fonte: Jagannath Puri Hare Krishna Movement<sup>5</sup>

### **O Projeto NaMaMi**

Fundado pelo Ministério de Turismo e Cultura da Índia e pelo *Indira Gandhi National Centre for the Arts* (IGNCA) em 2003, O Projeto NaMaMi (*National Mission for Manuscripts*) tem como objetivo reunir, catalogar e disponibilizar os estimados 10 milhões de manuscritos produzidos na Índia desde o período Védico. Hoje, mais de 4

---

5 Disponível em: <<https://jagannathpurihkm.wordpress.com>>. Acesso em 29 jun. 2019.



---

milhões de obras foram documentadas e quase 300 mil passaram pelo processo de digitalização, sendo considerado o maior banco de dados de manuscritos do mundo<sup>6</sup>.

Além disso, o projeto visa conservar os manuscritos utilizando técnicas tanto modernas quanto antigas, preparar futuras gerações de pesquisadores para a conservação dos textos, promover o acesso aos manuscritos através da digitalização também de obras raras e ameaçadas de extinção, promover o acesso a obras ainda não publicadas e facilitar o contato do público com estes manuscritos através de aulas, seminários, publicações e outros programas.

O Projeto NaMaMi conta com o apoio de agências nacionais de conservação de manuscritos, sendo elas *The National Archive of India* (NAI) em Nova Déli, *National Library of India* em Calcutá e *Indira Gandhi National Centre for the Arts* (IGNCA), localizada em Nova Déli.

Segundo Jyotshna Sahoo (2015), como há um grande volume de manuscritos disponíveis, foram necessários critérios para a escolha de quais deles passariam pelo processo de digitalização, sendo eles:

1. Manuscritos que são únicos e com valor ímpar, ou seja, aqueles que se não forem digitalizados, serão perdidos;
2. Manuscritos relacionados a sistemas de conhecimentos ancestrais pertencentes a períodos antigos;
3. Materiais cujos volumes são pesados e cujo acesso à informação seria complicado;
4. Materiais cujos usuários estão espalhados geograficamente.

Estes critérios foram criados devido ao enorme volume de obras já mapeadas, principalmente aquelas localizadas em museus, bibliotecas e instituições, sendo necessário estabelecer prioridades de digitalização. Ainda citando Sahoo,

Pela primeira vez na história, a Missão tem dado passos significativos para preservar digitalmente e disponibilizar quase todo trabalho literário, artístico e científico na Índia para pesquisadores, educadores e também para futuras gerações. (SAHOO, 2015, p.246).

---

<sup>6</sup> Site oficial do projeto *NaMaMi*. Disponível em: <<https://namami.gov.in/performance-summary>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

Como grande parte dos manuscritos tradicionais indianos se encontra em acervos pessoais, muitas vezes em locais remotos e de difícil acesso, NaMaMi se configura como uma ferramenta essencial de democratização e disponibilização de textos. Gopalakrishnan, na 3ª Conferência Internacional da Memória do Mundo, pela UNESCO, conta que

talvez seja a primeira vez que uma busca e documentação sistemática acontece na Índia em todos os repositórios de manuscritos em coleções pessoais. As experiências na aproximação destas coleções têm sido diversas. Enquanto muitos são receptivos à ideia de fazer parte de um esforço nacional para criar um banco de dados, muitos têm sido relutantes a passarem informações (GOPALAKRISHNAN, 2008).

Fica evidente que a disponibilização dos manuscritos antigos em plataformas digitais pode iluminar e trazer conhecimento sobre um período histórico de difícil acesso. Porém, também há que se levar em consideração que a tradição dos manuscritos indianos existe nos dias atuais como uma cultura viva, e não como uma lenda do passado. Nesse sentido, a banalização do acesso pode ser problemática.

Figura 3: Texto manuscrito em sânscrito mapeado e digitalizado pelo projeto NaMaMi



Fonte: Namami<sup>7</sup>

## Desafios e tensões

Gopalakrishnan comenta algumas dificuldades encontradas pelos agentes do governo ao saírem em busca dos manuscritos em acervos pessoais. Segundo o pesquisador,

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://namami.gov.br> >. Acesso em: 29 jun. 2019.

---

às vezes, é preciso realizar várias visitas pelo documentarista para convencer o proprietário a concordar em passar informações. Algumas pessoas têm expressado medo por ser uma iniciativa do governo, e temem que, uma vez entregues estes documentos, tornar-se-ão propriedade pública e serão levados embora. Como resultado, toda publicidade panfletária insiste que NaMaMi não tem a intenção de ficar com os manuscritos, mas apenas documentá-los. (GOPALAKRISHNAN, 2008).

O medo de ceder os manuscritos ao governo é uma realidade para algumas pessoas devido à possibilidade de não os obterem de volta, problema este contornável através de campanhas educativas. No entanto, há uma outra preocupação entre aqueles que possuem em suas casas manuscritos sagrados com os quais têm uma relação de afeto:

Outras razões são atreladas à cultura, que um conhecimento especializado de uma comunidade ou fé em particular ao tornar-se pública, perderia seu valor. Atualmente, não há contrato ou memorando de entendimento entre as partes, que define os termos em que esse acesso é negociado (GOPALAKRISHNAN, 2008).

Há, no site oficial do projeto NaMaMi uma página dedicada a quem tem manuscritos em casa, com uma listagem de informações sobre como proceder para preservá-los de forma adequada. Assim a missão tenta contornar alguns problemas desenvolvendo uma política juridicamente sólida e com nuances éticas para que todos possam desfrutar dos arquivos disponibilizados na plataforma online.

No entanto, devido à heterogeneidade cultural na Índia, deve-se também compreender as particularidades do indivíduo que guarda seus manuscritos, pois nem todos enxergam a disseminação das informações dos manuscritos através da internet de forma positiva, já que, em se tratando de cultura e religião, em muitos casos, um texto antigo pode ser um objeto de adoração, de rituais ou até mesmo segredo de família. Se para uns um manuscrito pode ser considerado um simples papel velho, para outros, ele detém poder, sendo um repositório do sagrado, um objeto de adoração e que não deve ser lido por pessoas não autorizadas.

### **Considerações finais**

Aliar a tecnologia e a tradição é um desafio, principalmente em se tratando de uma cultura heterogênea e ortodoxa como a indiana. Enquanto ferramentas digitais podem ser usadas com a intenção de se preservar uma cultura escrita ancestral, é

---

importante que se levante um debate sobre como esta tecnologia interfere na própria tradição disponibilizando obras que antes eram limitadas ao seu público específico a qualquer pessoa no mundo que tenha acesso à internet.

A cultura é viva, porosa, adaptável e transforma-se com o tempo. Sobre a tradição indiana, Feuerstein lembra que “o yoga sobrevive há mais de cinco milênios, principalmente por ter sido habilidosamente adaptado a diferentes contextos sociais e culturais” (2005, p.15). Assim como a passagem da tradição oral para a escrita teve como características rupturas e rearranjos, talvez a digitalização dos manuscritos indianos seja um novo momento de reviravoltas e transformações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, F. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.

BUCK, W. **Mahabharata**: o clássico poema épico indiano recontado em prosa por William Buck. São Paulo: Cultrix, 2017.

DASGUPTA, Surendranath. **A History of Indian Philosophy**. Delhi: Motilal Banarsidass, 1922.

FEUERSTEIN, G. **A Tradição do Yoga**: história, literatura, filosofia e prática. São Paulo: Pensamento, 2016.

FEUERSTEIN, G. **Enciclopédia de Yoga da pensamento**. São Paulo: Pensamento, 2005.

GOPALAKRISHNAN, S. **Manuscripts and Indian Knowledge Systems**: The Past Contextualising the Future. Canberra: 3rd International Memory of the World Conference, 2008. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/mow\\_3rd\\_international\\_conference\\_sudha\\_gopalakrishnan\\_en.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/mow_3rd_international_conference_sudha_gopalakrishnan_en.pdf)>. Acesso em 29 jun. 2019.

HOUBEN, Jan. **A Tradição Sânscrita entre Memética Védica e Cultura Literária**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.17, n.2, 2014.

LYONS, M. Livro: **uma história viva**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MACDONELL, Arthur A. **A History of Sanskrit Literature**. New Delhi: Munshirama Manoharlal, 1972.

National Mission for Manuscripts. **Preserving India’s documentary heritage**. Disponível em: <<https://namami.gov.in/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

OLIVEIRA, Gisele. **Rituais de fogo na Índia antiga**. IV Congresso Internacional de História. Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/451.pdf>>. Acesso em 24 jun. 2019.

---

SAHOO, J. **Indian manuscripts heritage and the role of National Mission for Manuscripts.** Library Philosophy and Practice (e-journal), n.984, 2013.

SAHOO, J.; MOHANTY, B. **Digitization of Indian manuscripts heritage:** Role of the National Mission for Manuscripts. IFLA Journal (e-journal), v. 41, n. 3, p. 237-250, 2015.

UNESCO. **Tradition of Vedic Chanting.** Disponível em: <  
<https://ich.unesco.org/en/RL/tradition-of-vedic-chanting-00062>>. Acesso em: 24 jun. 2019.